

Leïla Slimani

Assalto à fronteira

Tradução de Tânia Ganho



Tenho muitas vezes o mesmo pesadelo. Um pesadelo aterrador, cujo cenário vai mudando sem que o medo se atenuie. Estou numa sala de tribunal, mas podia ser uma escola ou até uma igreja, pois estou de pé, atrás de uma fila de bancos de madeira escura. À minha volta, só homens. Sei que vai ser a minha vez de falar, tenho a garganta seca e as mãos suadas. Sinto vergonha, sem saber muito bem porquê. Um juiz com cara de rato e gengivas

descarnadas insta-me a expressar-me. Começo por me justificar. Falo muito depressa. Agitada. Falo em francês. O juiz corta-me a palavra secamente. Diz-me: «Não estamos em França. Fala em árabe.» As lágrimas vêm-me aos olhos e a angústia paralisa-me. Viro-me para o homem ao meu lado, um homem sem rosto, mas sei, como sabemos nos sonhos, que ele não me pode ajudar. Procuro as palavras. Não se me ocorre nenhuma e percebo então que perdi, que nunca poderei provar a minha inocência.

A minha avó contava que, quando eu era pequena e ela me visitava, eu a recebia sempre com as palavras «*el bela, el bela, el bela*», que significam, num árabe infantil, «rua, rua, rua». Com ela,

percorríamos as ruas do meu bairro. Lembro-me de uma pequena moradia cujos donos tinham galinhas que corriam pelo jardim cheio de nespereiras. Vejo as cortinas escuras que escondiam o interior de outra casa e a minha avó, que espicaçava a minha curiosidade inventando todo o tipo de histórias assustadoras sobre os seus moradores, que nunca apareciam. Com ela, falávamos às pessoas com quem nos cruzávamos e, por vezes, da varanda, os vizinhos convidavam-nos a subir. «Venham beber um chá. Essa menina é tão bonitinha, gostávamos de a conhecer.» Que ideia tinha eu, nessa altura, das fronteiras que atravessam a nossa existência? Estava naquela idade em que ainda acreditamos que os animais falam, que as plantas nos compreendem e que os fantasmas se escondem

nos armários do quarto. Estava naquela idade em que não medimos nem as distâncias nem o tempo, em que tudo parece ao mesmo tempo infinitamente próximo e profundamente distante. Aquela idade em que eu não fazia distinção entre a realidade e a ficção, em que podia discutir inflamadamente com as minhas irmãs para decidir qual de nós era a Jo, a filha escritora do Dr. March, e qual de nós tinha o direito de se identificar com a Amy ou a Meg.

Nessa época, o árabe era a minha língua, aquela a que chamamos darija, língua vernacular de Marrocos, língua da criouliização, síntese do amazigue e do árabe, que absorveu também influências francesas e espanholas. Era

nessa língua que a minha ama me cantava cantilenas infantis para eu adormecer. E era nessa língua que eu falava com a minha avó alsaciana. Ela dominava-a na perfeição, sem nunca, porém, ter perdido o seu sotaque germânico. A minha avó adorava-a, brincava com ela, apreciava a sua poesia, o seu humor e plasticidade. Quando se instalou em Marrocos, no final da década de 1940, quis aprendê-la imediatamente, demarcando-se assim dos colonos que não sentiam nada a não ser desprezo pela língua indígena. Na medina de Meknès, onde viveu durante alguns anos, instalava-se no telhado de casa e lançava palavrões aos transeuntes. Quando eles começaram a responder-lhe e a insultá-la de volta, ela ficou feliz. A darija, ainda que falada todos os dias pelos marroquinos, não tem

estatuto oficial e não é ensinada, porque só recentemente começou a ser usada na escrita. Durante muito tempo menosprezada, relegada para a categoria de dialeto, julgada grosseira e insuscetível de ser ensinada, era alvo do desprezo do poder público, ao contrário do árabe clássico, língua sagrada, língua do pan-arabismo e da cultura. A língua berbere também ainda não tinha sido reconhecida, em nome desse ideal: um país, uma religião, uma língua.

Cresci, porém, num universo multilíngue. Não me surpreendia ouvir os meus pais falarem francês entre si. As minhas irmãs e eu subíamos às escondidas a um escadote para chegarmos ao gira-discos e ouvirmos as canções de Brel ou de Ferré, que deixavam os nossos pais em transe. Eu repetia,

sem as compreender, as palavras *anarquistas* e *bandidos*, descobria que os cigarros podem *rezar* e os homens *mijar em cima das mulheres infiéis*. No interior da região de Meknès, onde passei todas as férias na quinta do meu avô, os trabalhadores falavam *chelha*, um dialeto berbere. Eles eram nossos companheiros de brincadeira e, a crer na memória familiar, dominei essa língua até aos seis anos. Hoje, já só me lembro das palavras para *tartaruga* e *pão* — *fkroun* e *aghrom* —, mas ficou-me a lembrança envolvente de uma língua mineral, que rola na boca, uma língua de pastores e poetas, vigorosa como uma torrente. A língua alemã também me era familiar, era a língua materna da minha avó, uma língua que ela adorava, admirando os seus poetas e músicos. Ouvi-a falá-la muitas vezes

com os amigos, mas, estranhamente, não a ensinou aos filhos. O alemão era o seu segredo, o seu refúgio, um quarto só seu. Tenho a impressão de que, quando se exprimia nessa língua, era uma pessoa completamente diferente. Os seus gestos, inflexões, a sua maneira de rir eram diferentes, o que me suscitava ciúmes. A minha avó tinha outra vida, da qual eu não fazia parte e que eu não percebia de todo. Por fim, havia o espanhol, a língua do verão e do mar, quando íamos para a costa mediterrânica com os meus pais. Nessa antiga colónia espanhola, era-se adepto do Real Madrid ou do Barça, comiam-se tapas à marroquina, comprava-se o pão na *panadería*. Em *A língua resgatada*, o escritor búlgaro Elias Canetti conta a sua infância. «Havia muitas línguas, só na nossa cidade falávamos sete ou oito.

Cada um contava o número de línguas que conhecia, era importante saber uma grande quantidade. Isso podia salvar-nos a vida ou salvar a vida de outras pessoas.» Sim, falar uma língua estrangeira era um superpoder e perdi a conta ao número de histórias que a minha avó contava em que o facto de falar árabe ou alemão lhe tinha permitido safar-se de situações perigosas.

Depois, esse paraíso multilingue fraturou-se e compreendi, ao crescer, que vivia num mundo atravessado por fronteiras entre classes sociais e entre línguas. Estudava no liceu Descartes — como a Mia, personagem do meu romance mais recente, *Levarei o fogo comigo* —, um enclave onde uma elite criada à moda estrangeira, numa língua

estrangeira, se reproduzia e, completamente dissociada do país onde vivia, poderia dominar sem peso na consciência. A língua francesa dominava então tudo, essa língua de uma cultura e de uma literatura ditas «superiores». Foi também nesse liceu que me ensinaram o árabe clássico. Alguns professores faziam-nos recitar o Alcorão e, em vez de nos falarem de literatura, de poesia, do poder das palavras, repetiam-nos que a língua árabe era sagrada e que não podíamos fazer dela o que quiséssemos. Sem compreendermos, víamo-nos apanhados nas malhas das relações de poder. O ensino do árabe era desvalorizado, e os professores, alvo de troça, e os nossos pais pareciam não se preocupar com as nossas más notas a essa disciplina, desde que tivéssemos bons resultados a matemática. A língua

francesa, pelo contrário, era associada ao poder e ao sucesso. O francês era a língua dos ricos, uma língua de um círculo fechado que a burguesia gostava de utilizar como aqueles pais que falam uma língua estrangeira à frente dos filhos para que eles não percebam o teor da conversa. Aliás, eu ainda nem tinha noção de como era excepcional a decisão da minha avó de aprender árabe. Na época em que eu era adolescente, a maior parte dos estrangeiros que viviam em Marrocos, por vezes há vinte ou trinta anos, era incapaz de se exprimir em árabe. Diziam que não valia a pena darem-se ao trabalho, que «toda a gente falava francês» e que «o árabe era demasiado complicado». Por detrás das portas das salas de aulas, continuei sem dúvida a sonhar, durante algum tempo, com «*el bela, el bela*»,

mas já o mundo conspirava para me domesticar e as fronteiras começavam a lançar a sua sombra sobre a minha existência.

Se não falava árabe, podia eu ser plenamente marroquina? Podia eu pertencer ao meu próprio país e encontrar nele o meu lugar? O filósofo Emmanuel Levinas conta que, perante o avanço dos alemães, a sua família, judeus da Lituânia, foi empurrada para o exílio. Nesse momento, o jovem Levinas compreende que a sua existência pode mudar a qualquer instante, mas, nesse caos e errância, o seu pai terá sempre a preocupação de arranjar, onde quer que eles estejam, um professor de hebraico. Era, para ele, «o principal elemento de reconforto». Encontramos essa ideia

da língua como refúgio, como memória que atravessa o tempo e o espaço, ancoradouro na errância, em Canetti, o búlgaro de origem espanhola sefardita. «O espanhol que eles falavam entre si era praticamente o mesmo que falavam séculos antes, quando foram escorraçados da península.» No caso do meu pai, esse laço quebrou-se. O fio da memória rompeu-se. Creio que ele tinha vergonha de não me ter sabido transmitir a sua língua. Vergonha de nos ter, de certa maneira, arrancado a uma tradição, a um património, à transmissão de uma história familiar. Teria sentido ainda mais vergonha se tivesse constatado que, no seu enterro, eu não percebi nada das preces que os oficiantes recitavam e que fui incapaz de responder às frases de condolências que me diziam em árabe.

Roland Barthes diz que um escritor joga com a sua língua materna, isto é, com «o corpo da mãe», «para o glorificar, embelezar ou desmembrar». Então e o corpo do meu pai? Também faço dele matéria de jogo, ando de volta dele desde que escrevo. Esse corpo imóvel, esse corpo maniatado, aprisionado, esse corpo morto, esse corpo da língua que não falo. Talvez não faça mais nada, a não ser isso. Tentar encontrar a minha língua, encontrar palavras para provar a minha inocência.

Reflexão pessoalíssima da premiada autora franco-marroquina sobre o mais belo desassossego de todos: o que está contido na literatura.

«Há mais de quatro anos que me instalei em Lisboa. Cheguei no final da primavera. Os jacarandás estavam em flor, como na minha terra, em Rabat, e, em algumas ruas da Lapa, o jasmim perfumava o ar. Eu passeava sozinha durante horas. Parava num miradouro para beber uma limonada e contemplava o horizonte. Tinha a impressão de estar em Tânger ou no forte, outrora português, de El-Jadida. Tudo me era familiar: primeiro os rostos, que podiam ser os dos meus irmãos e irmãs; o vento frio ao cair da noite; os azulejos a que chamamos *zelliges* e que decoram os frontões das nossas casas. A própria língua lembrava-me que estávamos ligados por um parentesco distante.»

Língua-casa, língua-família, língua-prisão, língua-liberdade. E a literatura como questionamento de todos os limites, como desafio à realidade única, como espraiamento da existência. Neste breve e comovente ensaio, Leïla Slimani regressa à infância para recordar os primeiros passos nas línguas com que cresceu. A sua casa em Marrocos era uma Babel feliz. Mas, fora dos muros da casa, a língua cedo se revelou motivo de exclusão, de dedo apontado à diferença.

É na literatura, afirma Leïla Slimani, que podemos combater esse dedo em riste e desafiar todas as fronteiras que nos encerram. Apaixonada pelas riquezas que o desconhecido e o incerto oferecem, a autora apresenta neste texto a sua mais íntima homenagem à escrita e à leitura como lugares de todas as dúvidas e de todas as possibilidades.

«Escrever talvez não passe da tentativa desesperada de regressar a casa, a um país cuja língua teria de reaprender todos os dias. É preciso imaginar que, em Babel, vivemos felizes.»



«Um texto breve e incandescente, atravessado pela perda de uma língua e pela porosidade das identidades. [...] Leïla Slimani faz da perda de uma língua o ponto de partida para uma meditação íntima que entrelaça memória e identidade.»

Le Devoir



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
f alfaguaraeditora
penguinlivros

ISBN: 978-989-589-981-4



9 789895 899814